

SOBRE CADEIRAS E CLAREIRAS **uma leitura sobre a domesticação em Regras para o** **parque humano de Peter Sloterdijk - parte I**

Fernando de Freitas Fuão¹

Resumo

Este artigo é uma análise do livro Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk; entretanto o texto se desdobra e se focaliza também sobre a importância das cadeiras e também do sentido de clareira (lichtung) de Heidegger e Sloterdijk como formas da domesticação humana. Correlaciona o conteúdo de Regras para o parque humano com a arquitetura e a cidade; crítica o processo de colonização e o humanismo, apontando a importância de uma descolonização.

Palavras-chave: Regras para o parque humano, domesticação, arquitetura e domesticação, cadeiras, clareiras, moradores de rua.

ABOUT CHAIRS AND LIGHTS **A Reading About Peter Sloterdijk's Rules** **for Taming the Human Park - Part I**

Abstract

This article is an analysis of Peter Sloterdijk's Rules for the Human Park; however the text unfolds and also focuses on the importance of chairs and also on Heidegger and Sloterdijk's sense of clearing (lichtung) as forms of human domestication. Correlates the content of Rules for the human park with architecture and the city; criticizes the colonization process and humanism, pointing out the importance of a descolonization. Keywords: Rules for the human park, domestication, architecture and domestication, chairs, clearing, homeless.

¹ Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS). Pós Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ sob a supervisão da Filósofa Dra. Dirce Solis (2011-12). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987- 92) com a tese Arquitectura como Collage.

Aos que nascerão fora das clareiras²

Reconhecer que a domesticação do ser humano é o grande impensado, do qual o humanismo desde a Antiguidade até o presente desviou os olhos, é o bastante para afundarmos em águas profundas.³

Lá onde existem casas deve-se decidir no que se tornarão os homens que as habitam (Peter Sloterdijk).

Numa conferência dedicada a Heidegger e a Carta sobre o Humanismo em 1999, Sloterdijk fez uma reflexão crítica sobre o papel do humanismo e seu correspondente projeto de domesticação humana; posteriormente o conteúdo dessa conferência se tornaria o conhecido livro Regras para o Parque Humano. Sloterdijk referenciava em sua conferência a três filósofos que já haviam apontado o tema da domesticação no passado: Heidegger, obviamente pela circunstância de ser o título da conferência e mais especificamente sobre a questão da 'clareira'; o segundo, Nietzsche que observara a questão da domesticação do homem sobre o próprio homem, e a fabricação de super-homens, e o terceiro, Platão e a arte de pastorear os seres humanos, tomando o pastor como o padre, o pai, o dom, o domesticador e cuidador do rebanho. Essa conferência gerou um forte debate na Alemanha entre Sloterdijk e seu opositor Habermas, polemica que se exacerbou através da mídia porque indiretamente Sloterdijk declarara que a mídia sempre desempenhara um papel importante no processo da domesticação. Entretanto a crítica da mídia centrou-se

² Esse ensaio é fruto de duas inquietações: meu trabalho durante dezoito anos com moradores de rua, recicladores e catadores; e principalmente de um curso que propus de filosofia, com o prof. Jose Luiz Ferreira educador popular, e a população em situação de rua na Escola Porto Alegre; uma escola voltada a formação básica de primeiro grau aos moradores de rua. Além de não contarmos com muitos alunos durante esse curso percebíamos a prática comum dos alunos de não conseguirem ficar sentados muito tempo, observávamos a inquietação do corpo não docilizado, do corpo indisciplinado. As aulas não podiam se prorrogar por muito tempo, aguentavam uma hora até uma hora e meia no máximo, mesmo que a aula para todos fosse interessante e contasse com a participação e curiosidade de todos. Trabalhamos nesse curso as ideias de acolhimento de Jacques Derrida e E. Levinas, André Conte-Sponville sobre o amor, as ideias de Heidegger, Michel Foucault, e muito John Zerzan. Essa situação de estar confinado numa sala de aula nos interrogava muito, e nos questionava sobre a questão da domesticação escolar e de conceitos como civilidade e cidadania. Poucos anos antes enquanto estudava o tema da domesticação humana conheci o pequeno livro Regras para o Parque Humano de Peter Sloterdijk, o qual me marcou profundamente dada a dura realidade em que o livro apresenta a seus leitores. Essas inquietações permaneceram latentes e me levaram a debruçar sobre, e acabei trabalhando apresentando ele durante três anos no programa de pesquisa e pós-graduação em arquitetura. PROPAR. UFRGS. Entretanto essa análise nunca implicou uma relação explícita pelo menos no texto com os moradores de rua; mas aquela experiência do curso de filosofia está silenciosamente entranhada nesse texto; o porquê de suas inquietações, da fala corporal, a questão da indisciplinaridade e da domesticação humana a que fomos submetidos desde a nossa infância, e sobre tudo os estigmas que eles carregam. Certamente aprendemos muito mais sobre a existência com o pessoal em situação de rua do que eles sobre filosofia. Esse ensaio, enfim procura mostrar quanto eles têm para nos mostrar como alternativa a nossas ansiedades e inquietações, sobretudo questionar essa modelagem de nossos corpos, enfim: o que fizeram e fazem com a gente; corroborando com a ética da alteridade e da pedagogia do oprimido de Paulo Freire. É justamente esse outro que carrega a diferença que vem questionar a própria existência minha. E nessa tentativa de explicar a domesticação humana não há nenhum romantismo em retratar os moradores de rua e todos esses corpos que escaparam e resistem à domesticação humana; pelo contrário, é intenção mesmo de mostrar o caro preço e sofrimento da vida que eles pagam por essas escolhas conscientes e inconscientes, nem se pode falar em escolhas visto que foram submetidos involuntariamente pelo Estado. Esse poder que castiga é também punitivo desde o nascimento desses corpos, fabrica seres que permaneceram toda sua vida quase como espécimes para justificar o humanismo e a civilização; essa constatação dirige-se especificamente a própria criação e manutenção da miséria e pobreza.

³ Sloterdijk, Peter. Regras para o Parque Humano. São Paulo. Estação Liberdade. 2000. P. 43

no tema da seleção genética, desviando profundamente a essência e o conteúdo da apresentação. Sloterdijk ao colocar em cheque o futuro da humanidade através das experiências genéticas ou mesmo dos implantes tecnológicos, destacava questões pertinentes e assustadoras para a humanidade, e retomava o tema do pós humano, ou pós humanismo já anunciados por Heidegger.

O pequeno livro *Regras para o Parque humano* abre uma série de questionamentos já em suas primeiras páginas, ao colocar o tema dos livros e da filosofia como uma das formas de domesticação dos seres humanos.

Livros observou certa vez o escritor Jean Paul, são cartas dirigidas a amigos, apenas mais longas. Com essa frase ele explicitou precisamente a natureza e a função do humanismo: a comunicação propiciadora de amizade realizada a distância por meio da escrita. O que desde os dias de Cícero se chama humanitas faz parte, no sentido mais amplo e no mais estrito, das consequências da alfabetização. Desde que existe como gênero literário, a filosofia recruta seus seguidores escrevendo de modo contagiante sobre o amor e amizade. Ela não é apenas um discurso sobre o amor a sabedoria, mas também quer impelir outros a esse amor.⁴

Para Sloterdijk o fato de que “a filosofia escrita tenha logrado manter-se contagiosa desde seus inícios, há mais de 2500 anos até hoje, deve-se ao *êxito* de sua capacidade de fazer amigos por meio do texto.”⁵ Ao apresentar a ideia do *hábito da leitura* como hábito domesticador, ele abria uma porta para pensarmos que não são somente os livros seriam obras domesticadoras, mas se poderia colocar quase no mesmo plano também a pintura, a escultura e todas as outras formas de arte, incluso a música, o teatro, a ópera e a dança como formas de cativar amigos quando essas requerem *não só* o círculo de amizades, mas também uma certa fixação do corpo, um ‘assentamento’ para serem produzidas e recebidas.

Em Sloterdijk, a arquitetura não entrará nesse rol de objetos domesticadores desta forma, pois estará bem mais comprometida nesse processo porque desempenha o papel mesmo da modelagem e comportamento dos cidadãos dentro do que ele denomina o parque humano, ainda que na verdade praticamente ele não faça referência a arquitetura em seu discurso. Mas, devemos entender que é ela quem constrói e configura materialmente o parque, o campo, tal como já havia observado Foucault em *Vigiar e Punir*.

Nesse sentido, a arquitetura não teve somente o papel de cativar amizades indiscriminadamente entre as pessoas, mas sobre tudo entre os próprios arquitetos que veneram seus antepassados antigos e modernos como uma forma de correspondência espectral. Ao comentar especificamente sobre os livros de filosofia, explica que “a filosofia escrita, prosseguiu sendo escrita como uma corrente de cartas ao longo das gerações, e, apesar de todos os erros de cópia, talvez até mesmo por causa desses erros, ela atraiu os copistas e intérpretes para seu círculo de amigos”⁶. E, por exemplo, se não fosse os tradutores romanos essas cartas nunca teriam chegado ao império romano; e seria incrível imaginar como os autores gregos teriam reagido com o tipo de amigos que suas cartas alcançariam um dia. Para Sloterdijk: “faz parte das regras do jogo da cultura escrita mesmo, que os remetentes não possam antever seus reais destinatários, e assim os autores se lançam a aventura de pôr suas cartas a caminhos de seus amigos desconhecido”.⁷ Salienta-se que sem a inscrição da filosofia grega em rolos transportáveis jamais poderiam ter sido

4 Op. cit.; p.7

5 Op. cit.; p.7

6 Op. cit.; p. 7-8

7 Op. Cit.; p. 8

remetidas, assim como os leitores gregos que se puseram a disposição dos romanos como ajudantes para a decifração das cartas gregas.

A amizade que se dá a distância precisa portanto de ambos, das próprias cartas e de seus propagadores ou intérpretes; e finalmente se os romanos não tivessem aderido ao jogo, as mensagens gregas jamais teriam alcançado a área da Europa ocidental na qual ainda vivem os que hoje se interessam pelo humanismo.⁸

Na perspectiva erotológica, a hipotética amizade dos escritores de livros e de cartas com os receptores de suas mensagens representa um caso de amor a distância.⁹

Sloterdijk nos fala de um espectro comunitário, os fantasmas da comunidade de amigos estão sempre para além do tempo presente. A sociedade literária, os amigos da *philo-sofia*, os amigos do saber, do amor ao saber são cientes que seus amigos estão no futuro, no porvir. Entretanto, para além dessa poética dos envios, dessa amizade está a questão da aprendizagem forçada da língua dominante, como na época da colonização quando os colonizadores aplicavam sobre os colonizados indígenas e os negros suas ordens e leis.

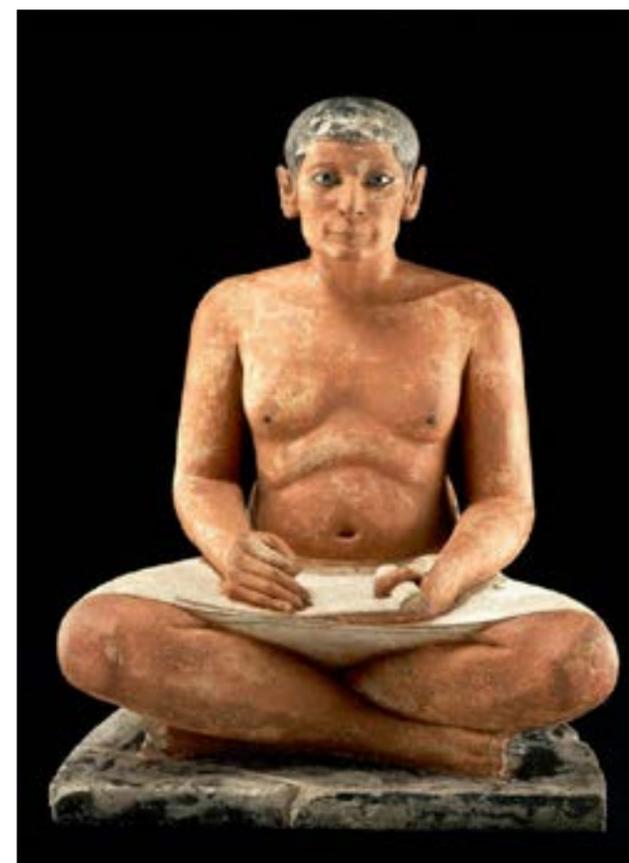


Figura 1: O escriba (sech) sentado do museu do Louvre. 2600 – 2350 a. C. Fonte: disponível em: <https://arttrianon.com/2017/05/31/obra-de-arte-da-semana-o-escriba-sentado-do-museu-do-louvre/>

Encontramos no núcleo do humanismo a fantasia de uma seita ou clube: o sonho de uma predestinação solidária dos que ‘foram eleitos para saber ler’. Talvez, seria o momento de perguntarmo-nos se esse processo de envio, já não partiria só da antiguidade, mas de um envio de distintas épocas e tempos, inclusive o presente não cessa de enviar novas exigências de línguas. O que houve não foi só um envio dos livros, mas também das artes e das ciências, de um modo geral, a partir do

8 Op. Cit.; p. 8-9

9 Op. Cit.; p. 9

momento que puderam ser moveis, transportadas, enviadas, ainda que saibamos que cada uma delas guarda sua peculiaridade. Assim também a arquitetura, desde que a arquitetura se fez representável, a partir do quatrocento, desenhada no papel ou no tecido através de plantas, cortes, vistas e detalhes tecnoconstrutivos, ela se tornou um envio, um projétil, uma projeção, um projétil sempre lançado para o futuro, para além do tempo presente.

A representação da arquitetura em sua origem sempre falou de uma mortalidade do próprio autor da obra, e de uma garantia que a obra seria ou poderia ser construída mesmo que ele não estivesse mais presente. Ela antes de nada é *um* substituto *não* somente de uma construção futura, mas do próprio arquiteto. Dentro dessa perspectiva a representação da arquitetura com suas plantas, cortes, etc; se constituem também como cartas para o futuro, manuais de execução da obra, uma carta que permite que a coisa seja construída mesmo que seu criador já esteja morto.

Portanto ela diz através de sua peculiar linguagem técnica como deve ser construída, lida a obra, similarmente a mesma relação entre o livro e a filosofia estabelecida através desse círculo de amor a sabedoria. Essa sociedade dedicada ao saber do amor e amizade é facilmente transferível também para a arquitetura: se não houvesse quem pudesse decifrar, traduzir, ler essa estranha linguagem *técnica*, esses desenhos, plantas nunca poderiam ser lidos e construídos.

A representação da arquitetura fala para além, para além do tempo de uma relação objetiva entre projeto como representação de algo que pode ser construído. O estabelecimento da representação do projeto também tem por pressuposto um círculo atemporal de amigos. Esse processo da representação arquitetônica coincidentemente se dará com a desestruturação dos grupos de construtores, das *guildas*, das corporações de ofício, no início do *quatrocentos* quando o artista, escritor e arquiteto resolve sair dela para se colocar como gênio, isolando-se desses amigos da arquitetura e da construção que não enviavam cartas, singularizando-se, para criar novas amizades. As representações da arquitetura idealizada de cidades ideais de Leonardo da Vinci, Piero de La Francesca, ao fim e ao cabo, já nem precisariam ser construída bastavam ser lida a distância no tempo; seu desejo parece ser de uma leitura mesmo, de serem lidas e vistas para além do tempo presente, permanecendo sempre como mensagens, envios para futuros destinatários ignorados.

Por exemplo, todos esses acervos de plantas, desenhos cortes que sustentam a história e teoria da arquitetura nunca poderiam ser apresentadas sem esses tradutores dessas 'cartas de arquitetura', o mesmo aconteceu com a pintura e a história da arte criando o círculo dos amigos da arte.

Sloterdijk ao introduzir o tema dos livros como objetos, dispositivos de domesticação, ele também está sugerindo indiretamente, ainda que não se refira sobre tal fato no livro, que eles teriam por objetivo tranquilizar o ser humano, de sedá-lo e entretê-lo. Aproveito aqui para apontar a questão colocada por Jacques Derrida da escrita como *voile*, mas que Derrida desconhecendo a língua portuguesa, não pode explicitar claramente o poder da escrita como sedante, 'seda-ante', sedente, sedução. Não somente de uma secreção sedante produzida pelo próprio bicho da seda, mas também de um secretar, e de um encapsular, refiro-me também desse *sed* contido em *seducco*, que se associa ao entorpecimento e paralisia, a imobilização tal qual o dispositivo do espelho da medusa, da fotografia, da petrificação. Em espanhol se diz *posición sedente* para se referir a posição sentada, esse *sed* de *sedente* é provável que seja o mesmo que vem de *seducco* e também de sedentário, sedentarismo; se refere as culturas estacionárias, as posições que ficam imobilizadas, que se sentam e se assentam definitivamente.



Figura 2: A domesticação da mão. A caligrafia, a doma da mão pesada e seus castigos necessários para aprender a escrever, até segurar a pena ou caneta com sua suavidade, regularizar um determinado tipo de letra, um tipo correto de letra. Fonte: Michel Foucault. Vigiar e punir. Petropolis. Editora Vozes. 1977. P. 38



Figura 3: A domesticação do corpo. Modelo de caligrafia. O modo de sentar correto para escrever e ler. A mesa e a cadeira como dispositivos disciplinadores civilizatórios, como exemplificou Michel Foucault em Vigiar e Punir. Fonte: Michel Foucault. Vigiar e punir. Petropolis. Editora Vozes. 1977. P. 38

A escrita parece só ocorrer com esse assentamento duplo: do corpo e da comunidade, como bem observou John Zerzan e outros antropólogos. Uma das condições para se efetivar a prática da domesticação, da escrita e da leitura é a fixação, a colocação do corpo num sistema de espera, de aguardo, de uma imobilidade, de uma internação (internato), num constante processo de escuta atenta e disciplinada, hierarquizada e punitiva. É impossível, ou muito difícil por exemplo, escrever algo caminhando, ler um livro caminhando, tanto a escrita como a leitura do livro requerem uma certa imobilização do corpo, parado, sentado ou deitado. Assim, também devemos ver que o processo de produção da escrita, o exercício da caligrafia, da digitação, ou dos celulares além de requerem uma posição sentada ou parada, também demandam um grande refinamento do trabalho da *mão*, da *habilidade manual para poder escrever*. *E para isso foi necessário* uma longa doma e adestramento da mão para que se consiga escrever de uma maneira uniforme; assim como hoje para teclar um celular. A uniformização está na base da domesticação.

Os livros de que fala Sloterdijk como cartas foram escritos sempre sentados, o ato de sentar-se numa cadeira ou poltrona é uma posição domesticada e domesticante, também símbolo de poder desde a antiguidade. Para a nossa cultura, a domesticação não existe sem o sentar-se desde a mais tenra idade, e nesse processo a escola é a primeira a impor a disciplina do comando 'sentado'. A vitalidade do corpo, na infância que não para e não tem sossego é desde início reprimida, adestrada através da fixação na cadeira; um aniquilamento dessa força selvagem e natural. Entre as palavras cadeira e disciplina há uma estreita relação, fica evidente na língua portuguesa que essas duas palavras cadeira e disciplina uma suporta a outra, *são* mais que sinônimos, quando nos referimos a palavra disciplina se pode também se

referir a matéria de um currículo escolar ou universitário, assim como, vice versa, a palavra cadeira também pode designar uma disciplina.

A fixação do corpo na cadeira também constituiria outra história da disciplinaridade dos corpos, a estranha história oculta da cadeira. A história desse mobiliário mostra que serviu não somente para ensinar a escrever, enviar as cartas e recebe-las mas também foi dispositivo para domesticar, civilizar os corpos. A história das cadeiras a partir do século XVIII, em si já é a própria história da domesticação. Em outras palavras poderíamos reduzir a máxima: o humanismo é cadeira, própria condição da escrita, o símbolo máximo da civilização e do civilizado. Ironicamente sem essa domesticação da mão e do corpo, nem esse texto poderia ter sido escrito e provavelmente tampouco haveria leitores para ele.

Há uma curiosa e emblemática foto de Heidegger no interior de sua cabana na *Floresta Negra* sentado a mesa com seus apontamentos e canetas, essa foto nos fala da atividade do caminhar e da atividade 'sedente', fala também de uma escrita e de sua auto imobilização para poder escrever, de sua auto domesticação. Esse ato da escrita implica num certo estado de concentração e também de torpor, um mergulho dentro da escrita, uma sedação provocada pelo próprio ato de escrever, digamos que um privilégio que só pode ser disfrutada pelos amigos do círculo do livro, dos livros da filosofia, sedação esta também provocada pela leitura. Essa foto de Heidegger



Figura 4: Escola Industrial de Genova para estudantes indígenas, fundada em 1884 e originalmente construída para os Pawnee antes da tribo ser removida de Nebraska para Oklahoma. A escola tinha inicialmente 74 alunos posteriormente receberia 600 estudantes de mais de 20 tribos. O foco principal era ensinar inglês. Os indígenas foram obrigados a abandonar suas línguas, falar uma língua nativa era visto como um obstáculo para se tornar civilizado. O objetivo também era preparar os indígenas para ingressar no mercado de trabalho, situação essa para eles completamente distinta de seus hábitos de existência. Passavam meio dia na sala de aula e depois meio dia como trabalhadores rurais para os agricultores brancos e ou como servidores em casas. Os estudantes não foram pagos por seu trabalho, mas seus "empregadores" pagavam uma pequena quantia à escola. Em geral, a escola estava mais focada em atender às necessidades de mão-de-obra de não-índios do que em fornecer educação para os alunos. Fonte da informação: <http://nativeamericannetroots.net/diary/1448>. Fonte: imagem disponível em: <https://www.kcbx.org/post/us-indian-boarding-schools-tragic-episode-american-history#stream/0>



Figura 5. Martin Heidegger em seu quarto de escrever na Cabana na Selva Negra. Fonte: Adam Sharr. La cabana de Heidegger. Barcelona. Gustavo Gili. 2009. P.41.

Heidegger como caminhante da floresta pensava enquanto caminhava; filosofava. O caminhar entre a floresta despertava um pensar distinto do pensar sentado, os pensamentos que surgiam enquanto caminhava ele guardava para posteriormente em sua casa transcrever seus pensamentos sentados, era como se sedimentassem ao sentar-se. Seduzido pela cadeira ele poderia escrever suas cartas enquanto contemplava pela janela a clareira e a floresta na cercania. O pensamento sentado é diferente do pensamento do caminhante. Os pensamentos que nos ocorrem sentado; por exemplo, andando de bicicleta o pensamento que nos atravessa é distinto do pensamento quando estamos sentado em uma sala, assim como o pensamento ao estar sentado num carro será igualmente distinto do estar sentado dentro de um avião. Todos esses casos parece dependerem da velocidade, e em cada caso percebemos formas distintas em nós mesmos de pensar.

Com a utilização dos computadores de mesa e trabalho o corpo foi obrigado a uma nova posição sentado, antes para a escrita e até mesmo para a leitura a cabeça dirigia-se para baixo, e o corpo se inflexionava levemente para frente sobre a mesa. Hoje a cabeça fica alta da tela do computador, frente a frente, vis a vis, e o corpo para não sofrer traumas deve ficar o mais rígido e confortável possível, uma posição muito próxima de quem dirige um veículo, ou seja: a atenção está fixada a frente dos olhos. Evidentemente há outras posições mais flexíveis para os notebooks e celulares, mas os computadores (desktop) para trabalhos estabelecem uma nova posição disciplinar para o trabalho. E as cadeiras de trabalho passaram a se assimilar as cadeiras dos automóveis.

Retornando a Sloterdijk: "encontramos assim no núcleo do humanismo a fantasia de uma seita, um fantasma de uma seita ou clube, o sonho da predestinada solidariedade dos que foram eleitos para saber ler"¹⁰. Complementaria: sentados, disciplinados, docilizados.

10 OP. cit.; p. 10



O humanismo sempre foi e ainda é a fraternidade dos mesmos, dos irmãos, dos *fratelos* que sabem ler, chama-se também humanismo esse projeto de habilitar e habitar a todos a lerem incessantemente a qualquer minuto, mesmo que não queiram, de organizar uma sociedade na compulsão da leitura não só dos livros mas de qualquer coisa que se coloque na frente, ler tudo o que se quer e o que não se quer; fazer o olho trabalhar involuntariamente, fazer ler cada palavra que aparece na frente. Essa é uma das bases da propaganda, ocupar o pensamento através *da compulsão da leitura obrigando voluntariamente a ler as coisas que se colocam na frente dos olhos*.

No início, os humanizados eram como uma seita só de alfabetizados, depois se tornou pragmático e programático como se pode observar na ideologia ginasial nos séculos XIX e XX e chegando até a segunda metade do século XX; daí em diante o padrão da sociedade literária se ampliou como uma norma. Desde então, diz Sloterdijk:

os povos se organizaram como membros plenamente alfabetizados de associações compulsórias de amizade, que se filiavam em cada território nacional. Ao lado dos autores da antiguidade comuns na Europa se mobilizaram também os clássicos nacionais e modernos, cujas cartas ao público foram alcançadas pelo Mercado editorial e pelas escolas superiores¹¹.

Sloterdijk, ironizando, compara essa obrigatoriedade da leitura dos clássicos universais ao serviço militar obrigatório, também universalizado para todos jovens do sexo masculino, diz ele: “a época burguesa *clássica foi justamente a era da humanidade* armada e dedicada a leitura¹².” Com o estabelecimento midiático da cultura de massas na Europa a partir de 1918, com o rádio e depois em 1945 com

11 Op. cit.; p. 12. “para o velho mundo, e mesmo até a véspera dos modernos Estados nacionais, saber ler significava de fato algo como a participação de uma elite cercada de mistérios - o conhecimento de gramática equivalia antigamente, em muitos lugares, a mais pura feitiçaria, e, de fato, de facto, já no inglês medieval a palavra glamour desenvolve-se a partir de *gramar*”. Sloterdijk, op. cit.; p. 10-11

12 Op. cit.; p. 12



Figura 7. Óculos que vêm, 2014. Le Corbusier in-ocula a moderna visão de mundo. Os convertidos têm nas mãos os habitantes do novo mundo. Collage de Rufino Becker, 2014. Fonte <http://varelanoticias.com.br/todos-iguais-artista-retrata-lideres-mundiais-sentados-em-privadas-veja-fotos/>.

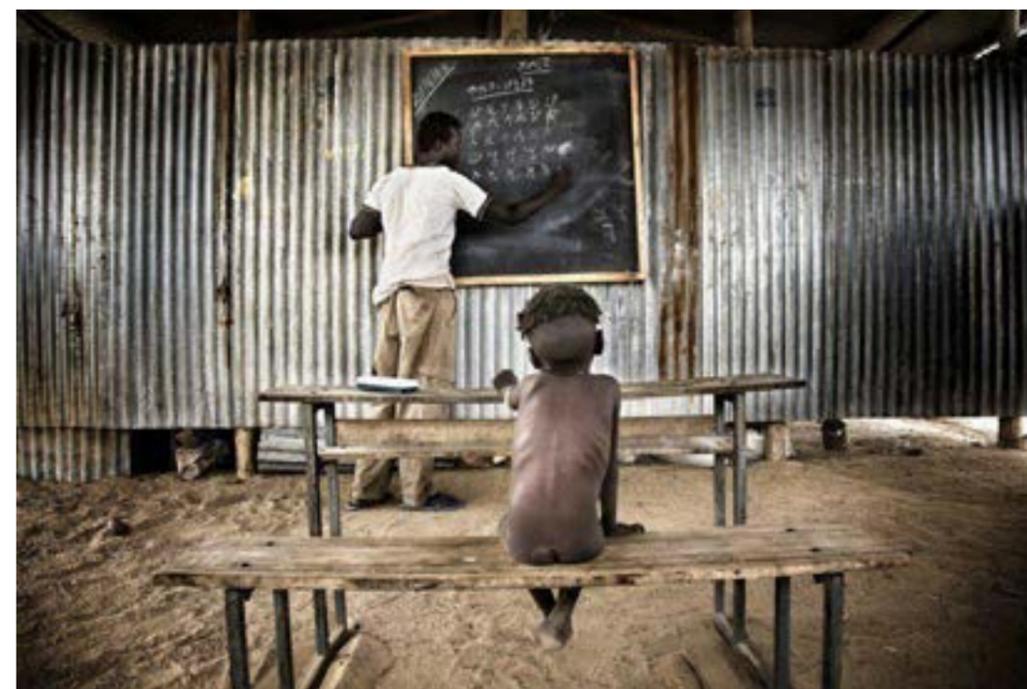


Figura 8. O império da classe, da cadeira e do quadro negro. A triade: domesticação, colonização e humanismo. Fonte: <http://eltrabajonoshacelibres.blogspot.com/2012/09/escuelas-en-africa.html>

a televisão e agora pela internet, a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases, *não mais em torno ao livros*, as letras, tal como previra Marshall McLuhan. Essas novas bases, segundo Sloterdijk *são decididamente pós-literárias*, pós-epistolares e conseqüentemente pós-humanistas. Essa mudança tecnológica também afetou toda a síntese social e política, “a era do humanismo moderno como modelo escolar e de formação terminou, não se sustenta mais a ilusão de que grandes estruturas políticas e econômicas possam ser organizadas

segundo o amigável modelo da sociedade literária^{13.}

Depois da segunda Guerra mundial o humanismo e a educação universal retomaram com grande urgência para aplacar os espíritos da selvageria e da barbárie humana da Guerra que culminaram em Auschwitz, como uma expressão do fracasso do processo civilizatório. Os humanistas encontraram uma nova justificativa para incrementar o projeto humanista, continuar com mais ênfase, estendendo-se por mais um período, são dessa época, anos 50-70, o aumento do número de universidades e de escolas em todos os países do mundo.

Se nos fixarmos mais atentamente a prática da leitura dos livros, ela não seria por si só capaz de domesticar os ditos selvagens iletrados como discorreu Sloterdijk, os livros domesticadores sempre vieram atados, acorrentados a cadeira e a mesa, a classe. A prática disciplinar do sentar-se, do comportar-se, da postura e da compostura com os demais, nasce com a cadeira e com a cadeira, com a classe (classificação) e a carteira (mobiliário)^{14.}

Figura 9. A civilidade como postura, compostura, a elegância do sentar-se: pernas entrecruzadas, braços sobre os braços da cadeira.



Figura 10. Presidente russo Vladimir Putin e o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu sentados em privadas. A artista italiana Cristina Guggen criou collages também com personagens ilustres como Barack Obama, Papa Francisco e Angela Merkel.



13 Op. cit.; p. P. 14-15

14 Antiga denominação para a classe (mobiliário), um tipo de mesa que ficava em frente à cadeira e que continha na parte de baixo lugar para colocar os cadernos e livros.



Figura 11. Luis Buñuel em seu Filme O fantasma da Liberdade, inverte toda a lógica de uma mesa de jantar ao colocar vasos sanitários fazendo nos lembrar que na Roma antiga havia 4.000 assentos distribuídos nas 144 latrinas públicas chamadas foricae: uma sala - que era acessada de um vestibulo - com longos assentos de mármore nas paredes com buracos espaçados; sob os assentos a água fluía continuamente. Nessa sala aconteciam conversas na companhia de amigos e também de desconhecidos. No filme no lugar do banheiro Buñuel coloca uma pequena mesa com a comida onde os convidados vão ao banheiro, em sua privacidade máxima para comer. Fonte: <https://rabdo.blog/2017/08/22/il-fascino-discreto-del-gabinetto-e-la-sua-importanza-storica/>.

Foucault já havia comentado em *Vigiar e Punir* a questão da docilização dos corpos submetidos a esse processo da punição como prática de uma sociedade disciplinar. O humanismo e seus livros, assim como a atualidade o cine, a tv, os computadores, tudo parece depender da cadeira, assentar o corpo, paralisá-lo, sedentalizá-lo, sedá-lo através da cadeira ou da medicação. Tomemos por fim, também a metáfora cruel da cadeira elétrica como *símbolo da sociedade civilizada*, como se o ato de sentar-se pudesse condensar-se nessas duas expressões da vida para o humanismo: a cadeira escolar e a cadeira elétrica. Não somente da cadeira elétrica como símbolo mortal, *não só como símbolo de uma certa humanidade para morrer mas também até para defecar*, como atesta o vaso sanitário ao assumir o aspecto de cadeira ou trono.

Como explica Sloterdijk: “humanismo, como palavra e como assunto, sempre tem um contra quem, uma vez que seu empenho se constitui em retirar o ser humano da barbárie”¹⁵. E talvez nesse conceito de barbárie, devemos incluir também o corpo da criança que não aceita sentar já desde o início da vida, do corpo livre, rebelde que rejeita a cadeira. É fácil entender por que as épocas que tiveram suas experiências com o potencial bárbaro são justamente as épocas em que o chamado humanismo costumou ficar mais forte e mais premente; ou em outras palavras: a domesticação do humanismo ganhou e ganha mais urgência e justificativa quando se manifesta a barbárie, ou algo que se desvia da ordem da domesticação, como nos momentos de insurreição e das revoluções sociais.

Não é só a barbárie, o selvagem, o Sexta-Feira de Robinson Crusóe ou Tarzan de Burroughs, o herói selvagem, que se opõem a domesticação, mas qualquer coisa que se contraponha a ação dominadora da domesticação. Haveríamos, pois de entrada, de enunciar esse ‘contra quem’ como disse Sloterdijk, quem são esses novos

15 Op. cit.; p.16

selvagens e bárbaros que resistem ainda hoje a domesticação: vadios, moradores de rua, narcotraficantes, terroristas, os muçulmanos, indígenas, os pertencentes a cultura *drop out*, os que se exilam das grandes cidades, as crianças em sua infância, os loucos. Talvez seja pertinente lembrar que entre esses grupos, os índios e os moradores de rua raramente sentam em cadeiras, e que a rede de dormir dos nordestinos brasileiros ainda continua como símbolo de resistência cultural levando aonde quer que vão; ou que nos anos 60 no movimento da contracultura tenha se optado por utilizar grandes almofadas como substituto da cadeira, da poltrona ou sofá como nas culturas orientais; ou sentar-se diretamente no chão na grama mesmo em contato com a natureza.

A crítica a cadeira, obviamente *não* é somente pelo fato de sentar-se como processo domesticante como comentamos anteriormente, mas o fato de não sentarmos no chão acabamos por perder também nossa relação de ‘com-tato’ com o chão com a terra, já desde a infância. Desde pequenos somos desestimulados pelos pais a não tocarmos na terra, referindo-se a algo sujo, e que deve ser limpo, lavado imediatamente. É natural das crianças sentarem no chão desde pequenas, tocarem com suas pequenas mãos, esburacar e escarafunchar a terra. Por trás dessa domesticação também paira o espectro de demonização da natureza promovido pelo humanismo e muito anteriormente pelo cristianismo.

Como explica Enilton Braga:

É com o cristianismo, com seu novo significado para a natureza, que se dissolve o sentido do termo da natureza conforme a consciência antiga. Antes inserido na natureza, o homem agora não é mais um elemento pertencente ao conjunto natural, não tendo mais seu lugar como as coisas o têm, mas sim, é visto como transcendente em relação ao mundo físico, não pertencendo mais à natureza, mas à graça, que é sobrenatural. Essa mudança na essência do pensamento sobre a natureza vai autorizar o homem a dominar a natureza, pois não mais se encontra vigente no cosmos, mas além dele. Ao permitir o desenvolvimento da ciência moderna, o cristianismo contribui para a difusão da representação mecânica da natureza, e, conseqüentemente, na sua dessacralização. Para Heidegger, é esse pensamento cristão, essa natureza que é levada pelas paixões à ruína do homem; é por isto que a ‘natureza’ precisa ser mantida subjugada: em certo sentido, ela é o que não deve ser. O ‘natural’ do homem significa aquilo que lhe foi doado junto com a criação e o que foi doado no íntimo de sua liberdade – entregue a si mesma¹⁶.

Hoje, ironicamente até nas praias existem cadeiras reclináveis para sentar, por apenas alguns trocados de dinheiro o corpo se desmantela confortavelmente nelas, e a ideia de um contato pleno com a terra, com a areia cada dia parece mais assustadora e agressiva, ficando mesmo só para o contato com os pés na beira da praia. É muito sugestivo disso que as crianças e os animais adorem rolar na areia, ‘encroquetar-se’ de areia como se diz vulgarmente, esse comportamento natural é visto como um gesto animal e condenável por parte de muitos pais, ou se é um adulto é visto como um gesto infantilizado, não domesticado.

O antropólogo Tim Ingold nos fornece em seus estudos uma ampla gama de reafirmações aqui já explicitadas sobre domesticação, e sobre tudo novos aportes desde a antropologia sobre a domesticação humana. Um dos textos que mais

16 Braga, Enilton. *A clareira da casa Pátio*. Dissertação. Programa de Pesquisa e pós Graduação em Arquitetura. UFRGS. 2017. (inédito) P. 251. Enilton se utiliza da idéia de clareira metafórica com o conceito heideggeriano da clareira do ser (*Lichtung*) na identificação do pátio interno da casa de Elyseu Victor Mascarello, na cidade de Porto Alegre e construída na década de 1970.

chama a atenção é *A cultura do chão: o mundo percebido através dos pés*, onde nos apresenta a relação da domesticação do andar e a sobrevalorização do trabalho das mãos sobre os pés, o aniquilamento do trabalho dos pés; e sobretudo, o papel da cadeira enquanto dispositivo nesse processo :

a história do mundo ocidental, as cadeiras fizeram a sua primeira aparição como sedes de altas autoridades e não entraram em uso generalizado, mesmo na mais rica das casas, até por volta do século XVI. A ‘sociedade sentada’ com a qual estamos tão acostumados hoje é em grande medida um fenômeno dos últimos 200 anos. Provavelmente, não é acidente, no encanto, que a civilização que nos deu a bota de couro também nos apresentou a poltrona. Nada, no entanto, ilustra melhor o valor colocado sobre uma percepção sedentária do mundo, mediada pelos sentidos supostamente superiores da visão e da audição, e desimpedida de qualquer sensação tátil ou cenestésica através dos pés. Onde a bota, reduzindo a atividade de caminhar à atividade de uma máquina de pisar, priva os usuários da possibilidade de pensarem com os pés, a cadeira permite que sedentários pensem sem absolutamente envolverem os pés¹⁷.

No entanto, para aqueles de nós educados para sentarem-se em cadeiras, ter que se agachar por qualquer período de tempo é imensamente desconfortável. Parece que a cadeira bloqueou o desenvolvimento da capacidade normal do ser humano se agachar, assim como a bota bloqueou o desenvolvimento das funções preênsais do pé¹⁸.



Figura 12. Praia Moderna, 2014. Monsieur Hulot, personagem do filme *Playtime* de Jacques Tati (1967), observa os modernos habitantes de cubículos ordenadamente cumprindo seu cronograma de lazer. Collage Rufino Becker, 2013.

17 Tim Ingold. *Estar Vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes, Petropolis, 2011, p. 78. Tim Ingold propõe uma articulação conjunta entre Antropologia, Arquitetura, Arqueologia e Arte, os 4 A.

18 Op. cit.; p. 79. Tim Ingold explica que “nas sociedades ocidentais, onde a postura ereta ou de pé é uma medida de classificação e retidão moral, a posição de cócoras é reservada àqueles no menor degrau da escala social - a párias, mendigos e suplicantes. Armados com uma bateria de dispositivos, de cadeiras de bebês a andadores, os pais ocidentais dedicam muito esforço para fazerem seus filhos se sentarem e se levantarem tão logo lhes seja fisicamente possível, e se preocupam com qualquer atraso em seu desenvolvimento.” Op. cit.; p. 79

Retornando a Regras para o Parque Humano, Peter Sloterdijk se questiona sobre o futuro da humanidade e dos meios de humanização (domesticação) se subsiste alguma esperança de dominar as atuais tendências embrutecedoras entre os homens. Mas como bem esclarece: “quanto a isso, tem uma perturbadora importância o fato de que o embrutecimento, hoje e sempre, costuma ocorrer exatamente quando há grande desenvolvimento do poder, seja como rudeza bélica e imperial, ou como bestializarão cotidiana das pessoas pelos entretenimentos desinibidores da mídia.”¹⁹ Para ambas as coisas, exemplifica com os romanos que forneceram os modelos que marcariam a Europa – de um lado com seu militarismo onipenetrante, de outro com a indústria do entretenimento a base de espetáculos sangrentos. O tema latente do humanismo para Sloterdijk sempre foi esse ‘desembrutecimento do ser humano’, e sua tese latente: que só as boas leituras conduziram a domesticação, *não só as boas leituras mas também os espetáculos midiáticos*. Para Sloterdijk há duas forças de formação presentes na cultura elitizada da domesticação, embora veladas e tímidas, que ele denomina como *influências inibidoras* e *influências desinibidoras*.²⁰



Figura 13: A Escola Carlisle (*Carlisle Indian Industrial School*) Indiana era um internato (1879-1918), destinado a domesticar as crianças nativas norte americanas e se tornou referência posteriormente para outros internatos. Nesse período mais de 10.000 crianças nativas americanas das tribos *Lakota*, *Obibwe*, *Seneca*, *Oneida*, *Cherokee*, *Apache*, *Cheyenne* e *Alaska* Native ingressaram em internatos. Esses internatos foram estabelecidos inicialmente por missionários cristãos que muitas vezes iniciavam escolas em reservas, o governo pagava às ordens religiosas para fornecer educação básica para crianças nativas americanas em reservas. As crianças indígenas eram imersas na cultura branca através punições e práticas que retiravam suas identidades; esses métodos incluíam cortes de cabelo estilo europeu-americano, proibição de falar suas línguas nativas, eram obrigados a usarem uniformes e tinham seus nomes reais substituídos por nomes europeus, eram também forçados a marchar como se estivessem no exército na parada tudo isso para ‘civilizá-los’ e ‘cristianizá-los’. Outras práticas para a domesticação desses ‘selvagens’ incluía o confinamento em solitárias e punição corporal, espancamentos com paus, réguas e cintos. As línguas das crianças foram repetidamente perfuradas com agulhas como punição por falar um idioma diferente do inglês ou do francês. Outras punições comuns incluíam choques elétricos, confinamento em gaiolas, queimaduras nas mãos, e alimentação forçada do vômito dos alunos quando estavam doentes. Um dos lemas da Escola de Carlisle era *Matar o Índio, Salvar o Homem*. Fonte: <https://honoringnativeancestors.blogspot.com/2017/09/carlisle-indian-industrial-school.html>.

19 Op. cit p. 17
20 Op. cit p. 17

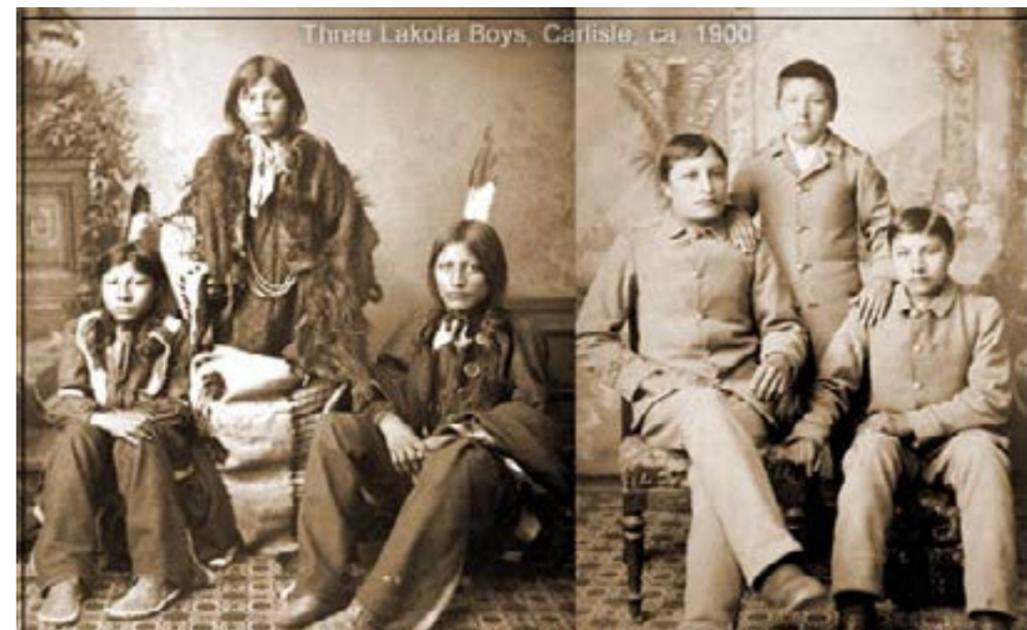


Figura 14: Crianças índias da tribo *Lakota* na Escola de Carlisle antes e depois do processo de domesticação. Três jovens rapazes índios *lakotas* foram retratados (à esquerda) vestindo suas roupas tribais quando chegaram a Carlisle, e (à direita) pouco tempo depois usando seus uniformes de estilo militar da escola. 1900. Observa-se também o sentar-se em cadeiras como símbolo de domesticação, com o detalhe de cruzar as pernas, como hábito civilizado. Fonte: <https://www.kqed.org/news/11678136/its-not-a-new-story-family-separations-open-old-wounds>

Faz parte da crença do humanismo mesmo, que os seres humanos são animais altamente influenciáveis e que é imperativo prover-lhes o tipo certo de influências, através da leitura e ou das mídias para mudarem o comportamento e a mentalidade. O humanismo sempre esteve diretamente acorrentado a esse processo que aqui chamamos de uma ‘domesticação universal’, de uma uniformização das culturas sob o manto da justificativa civilizatória. Esse fato nos faz pensar que humanismo é ainda um artilho, e há uma contradição que o mantém vivo e que faz parte mesmo do fundamento do humanismo: não liberar totalmente os seres da barbárie. Ele precisa continuamente apresentar esses espécimes bárbaros e selvagens de forma individual, ou em grupos, ou mesmo nações inteiras como a África. Para os domesticadores, por exemplo, os nativos da América do norte, os povos guaranis na América do sul, ou mesmo os terroristas islâmicos, inclusive até os moradores de rua são considerados como selvagens bárbaros ou retardatários do processo civilizatório.

Para compreender melhor o humanismo e o projeto de domesticação universal foi necessário situá-los dentro de um pensamento evolucionista-positivista (século XVII e XIX) para poder demonstrar essas oposições, níveis e graus entre os civilizados e os ditos selvagens. Talvez fosse o momento de se repensar a teoria de Darwin, o evolucionismo como formação do próprio humanismo; uma comprovação de um estado civilizatório que parte das cavernas, ou da tenda primitiva ao palacete do burguês, ao arranha céu do cidadão da grande metrópole.

A terapêutica da domesticação é ministrada com doses diárias e contínuas aos ‘humanizados’ para mantê-los constantemente humanamente civilizados²¹. Paradoxalmente e sempre em simultaneidade, o processo de domesticação também ministra doses que estimulam a violência nos seres humanos para que neles brotem o reprimido, o lado selvagem. Esse selvagerismo para o humanismo é precisamente

21 Nesse sentido veja-se o livro *O processo Civilizador* de Norbert Elias.

Figura 15: Planta de São Miguel das Missões, Brasil, Rio Grande do Sul onde pode-se observar a estrutura militar e religiosa em forma de cruz correspondendo a igreja o papel de altar, e aos bancos correspondendo as habitações; numa das faces da praça. A formação das aldeias guaranis eram constituídas de um conjunto de moradias de fibras vegetais, organizadas no entorno de um espaço aberto. Fonte: http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/c2b2f44176d3_jesuista10.jpg

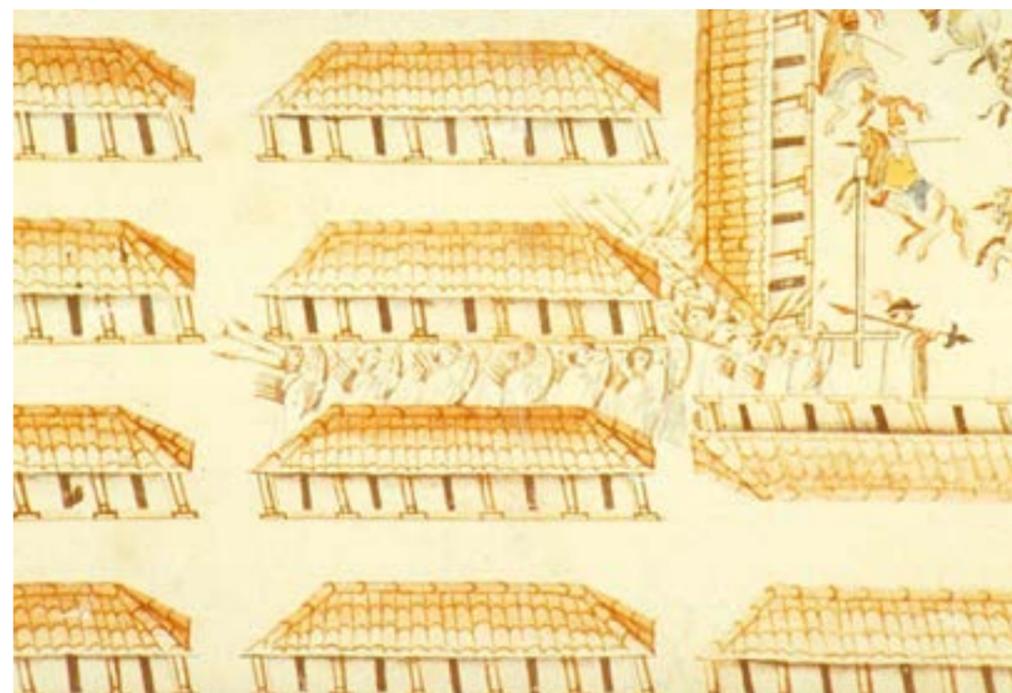
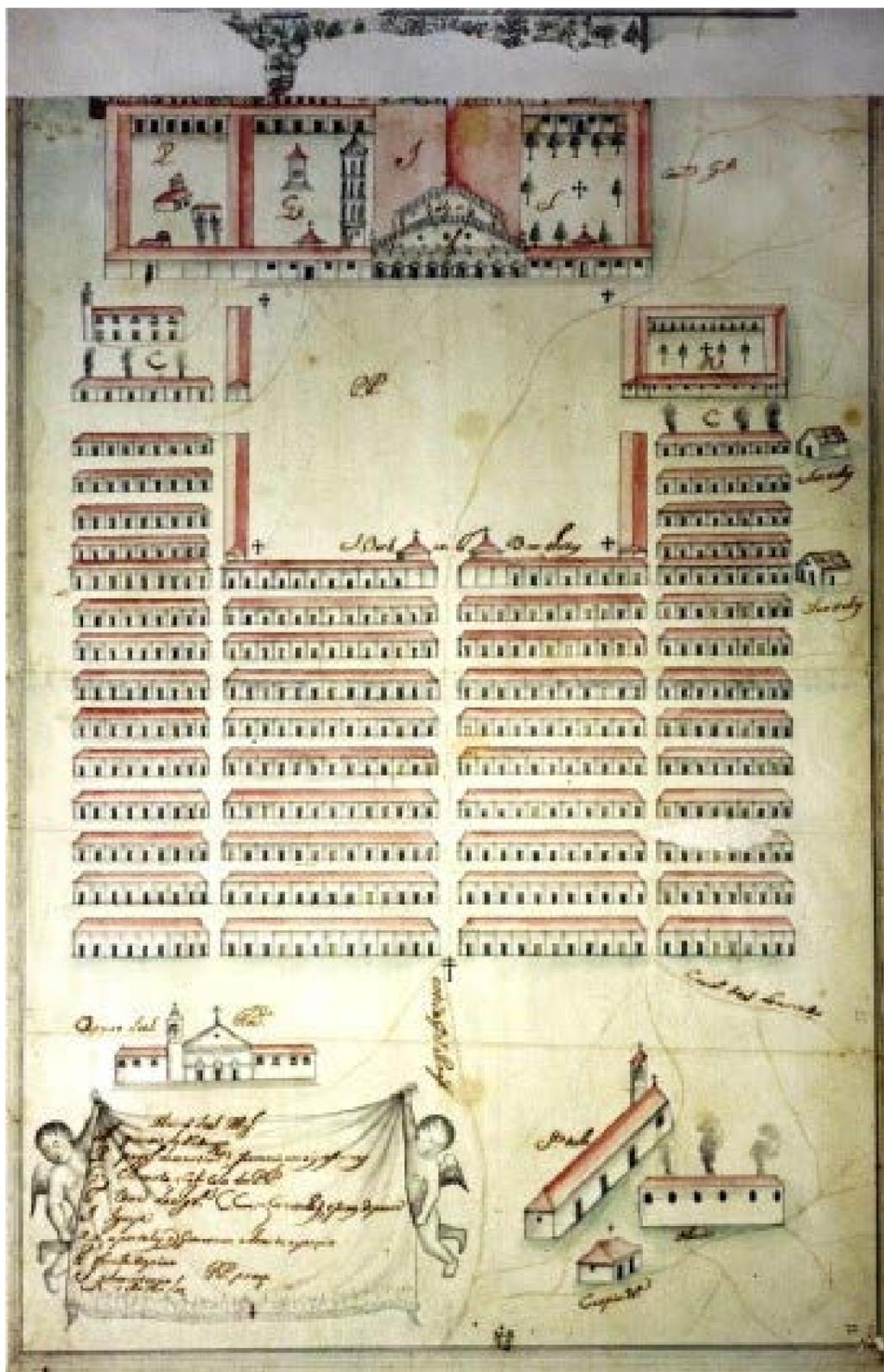


Figura 16: Planta baixa antiga da redução jesuítica de São Miguel. Parece desconcertante que até os dias de hoje não se encontrem críticas contundentes ao processo de domesticação que os índios guaranis sofreram por parte dos padres jesuítas, nas missões Jesuíticas no sul do Brasil na segunda metade do século XVII. Processo esse que levou aos índios trabalharem voluntariamente na construção das reduções, onde o trabalho de pedra para erguer a igreja é colossal sem eles terem essa tecnologia da pedra basicamente europeia, ou mesmo o que levou eles a adotarem o cristianismo opondo-se às suas religiões; ainda mesmo que tenha havido a sobrevivência de suas práticas pagãs. O que levou eles a esculpirem em pedras e madeiras gigantescos anjos e santos, produzirem telhas de barro, a obedecerem aos jesuítas e principalmente defender as missões dos ataques? Se não o processo de domesticação, catequizações a que foram submetidos. É preciso rever a história das missões jesuíticas que sempre contam uma feliz parceria de colaboração e cooperativismo entre jesuítas e guaranis e passar a descrever as práticas corporais de aniquilamento das identidades, colocação de vestimentas europeias, vestidos de batas brancas e com seus arcos e flechas parecendo anjos na terra sem males, assim como outras práticas. Em vários relatos dos primeiros missionários que adentraram essas matas, podemos observar alguns rituais Guarani que os jesuítas tentaram de todas as formas abolir, embora nem sempre lograssem êxito, durante a aplicação do projeto reducional. Entre esses se destacam as danças e o consumo de bebidas fermentadas com intuito de invocar espíritos de antepassados, rituais de sepultamento, onde o morto era colocado dentro de um grande vasilhame cerâmico em posição fetal coberto por um vasilhame menor onde acreditavam que a alma ficaria depositada, ou até os rituais antropofágicos elaborados considerados pelos padres como atos de extrema crueldade, e que na concepção guarani não era nada mais do que momentos de festa em que exaltavam a bravura dos guerreiros, além do costume da poligamia. Eles fundaram as reduções arrasando toda a estrutura política, social e econômica a qual as etnias indígenas estavam acostumadas. E hoje está elevado a categoria de Patrimônio mundial da humanidade, sem nenhum retorno aos índios guaranis que perambulam e sobrevivem até os dias de hoje vendendo artesanato nas imediações em busca da terra sem males. Fonte: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/images/Diversas/RS_ARQ/4_planta_antiga_das_missoes_jesuisticas_rs_reproducao_iphan.jpg

a violência como condição para sua existência e projeto, a manutenção de um determinado tipo de violência que se opõe à domesticação e à civilização, uma violência controlada por eles mesmos. O grande perigo é quando esse surgimento está bem longe das possibilidades de controle da sociedade domesticada, e se torna virulenta exatamente como o terror e a barbárie dos fascismos. No mesmo sentido em que os seres humanos se autodomesticam, a barbárie ou o terror quando se manifesta é contagiante e também se autobarbarizam em nome de um humanismo dos iguais. O processo civilizador sempre teve por objetivo eliminar as diferenças

todas criando um padrão único, uniforme de conduta e pensamento.

Comenta Sloterdijk: “A etiqueta *humanismo* recorda -de forma falsamente inofensiva- a continua batalha pelo ser humano que se produz como disputa entre tendências bestializadoras e tendências domesticadoras²².” Na sequência Sloterdijk explica melhor essa questão recorrendo a Cícero; diz ele:

na época de Cícero, ambos os poderes de influência (inibidoras e exibidoras) ainda são fáceis de identificar, pois cada um deles possui sua mídia característica. Quanto as influencias bestializadoras, os romanos já tinham instalado a mais bem sucedida rede de meios de comunicação de massas do mundo antigo, com seus anfiteatros, seu açulamento de animais, seus combates de gladiadores até a morte, e seus espetáculos de execução. Durante a época do império, a provisão de fascínios bestializadores para as massas romanas havia se tornado uma técnica de dominação indispensável de dominação, rotineiramente aprimorada, e que graças a formula pão e circo, persiste até hoje na memória²³.

Para Sloterdijk só se pode compreender o humanismo antigo se o entendermos também como um conflito de mídias, isto é, da resistência do livro contra o anfiteatro, e como oposição de leitura filosófica humanizadora, provedora de paciência e criadora de consciência contra as sensações de embriaguez e euforia desumanizadoras dos estádios. O que os romanos chamavam de *humanitas* era impossível ser pensada sem a cultura de massas dos teatros da crueldade. A ideia de um humanista ir ao estádio serviria para ele dar-se conta da besta que existe dentro dele, e que ao retornar para casa se sentiria envergonhado. O que Sloterdijk quer dizer com isso é que, o processo do humanismo também é sempre um estado de toma de consciência de escolha, consiste em escolher para o desenvolvimento da própria natureza as mídias domesticadoras e renunciar as desinibidoras. “O sentido dessa escolha de meios consiste em ‘desabituar-se da própria bestialidade em potencial, e por distancia entre si da escalada desumanizadora dos urros do teatro²⁴.”

A questão de como o ser humano poderia se tornar um ser humano verdadeiro ou real, para Sloterdijk “esta daqui em diante inevitavelmente colocado como uma questão de mídia, se entendermos por mídia os meios comunitários e comunicativos pelos quais os homens se formam a si mesmos para o que podem, e o que vão se tornar²⁵”. A arquitetura, nesse sentido, também deve ser entendida como uma mídia, como comunicação, como um dispositivo, algo que se prepara, se constroi para produzir determinados acontecimentos.

Sloterdijk divide o conteúdo de *Regras para o Parque Humano*, em quatro momentos, o primeiro: é a relação dos livros e cartas como sociedade letrada que se opõe ao barbarismo e ao selvagem, como vimos anteriormente. Num segundo momento ele trabalha a questão do livro mesmo de Heidegger a *Carta sobre o humanismo*, o terceiro recorrendo a Nietzsche; e finalmente a Platão e a questão do pastoreio.

22 Sloterdijk. Op cit.; p. 17

23 Op cit.; p.17-18

24 Op cit.; p. 19.

25 Op cit.; p. 19.

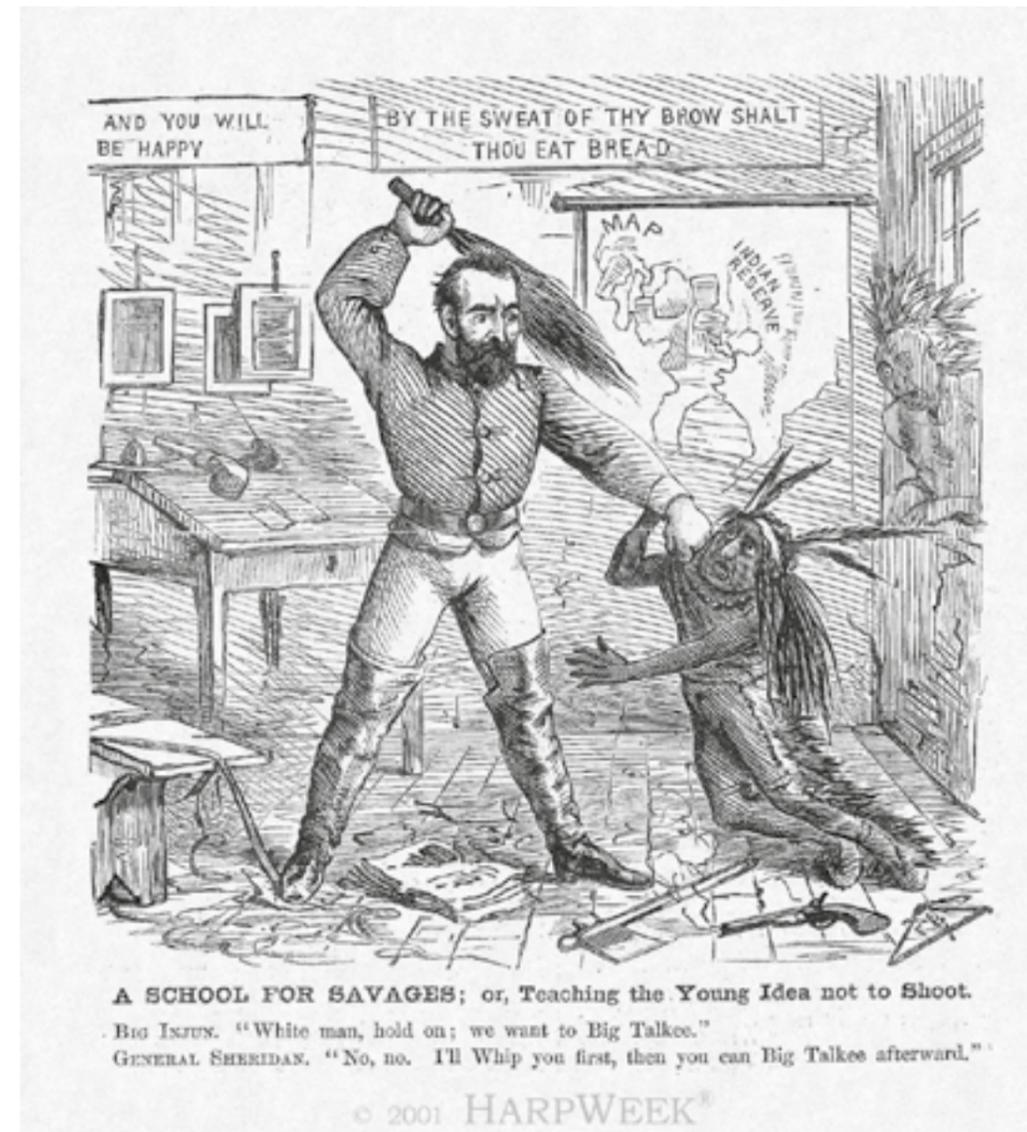


Figura 17. Para criticar a natureza implacável da ação militar, esse desenho de Frank Bellow ironiza os métodos punitivos educacionais aplicados nas salas de aulas dos internatos sobre as tribos nativas americanas no final da década de 1860. Fonte: <http://ushistoryscene.com/article/usindian-policy/>

Referências bibliográficas

BRAGA, Enilton. *A clareira da casa Pátio*. Dissertação. Programa de Pesquisa e pós Graduação em, Arquitetura. UFRGS. 2017.

DERRIDA, Jaques. *O animal que logo sou*. São Paulo. Editora UNESP. 2002.

DERRIDA, Jaques. *Seminario la bestia y el soberano. Volumen I*. (2001-2002). Buenos Aires. Bordes Manantial. 2011.

DERRIDA, Jaques. *Seminario la bestia y el soberano. Volumen II* (2002-2003). Buenos Aires. Bordes Manantial. 2011.

DERRIDA, Jaques; Cixous, Hélène. *Voiles*. Paris. Galilée.1998

ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador I e II*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1990

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FUÃO, Fernando. *Luzes na cidade, notas sobre o ensaio "O que são essas luzes" de Rodrigo Lages e Silva*. <https://fernandofuao.blogspot.com/2013/02/luzes-na-cidade-notas-sobre-o-ensaio.html>

FUÃO, Fernando. *Construir, morar, pensar; uma releitura de Construir, habitar, pensar (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger*. <http://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/19597/0>

FUÃO, Fernando. *A cidade pestilenta*. Em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2019/01/a-cidade-pestilenta.html>

HADOT, Pierre. *O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyola, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Poéticamente habita el hombre*. Em: https://archive.org/stream/HEIDEGGERPoeticamenteHabitaElHombre/HEIDEGGER%20-%20Po%C3%A9ticamente%20habita%20el%20hombre_djvu.txt
HEIDEGGER, Martin. *El cielo y la tierra de Hölderlin*. Traducción de José María Valverde, en Interpretaciones de la poesía de Hölderlin, Barcelona, Ariel, 1983, pp. 163-192. Disponível em: <http://www.mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Heidegger/EL%20CIELO%20Y%20LA%20TIERRA%20DE%20H%C3%96LDERLIN.doc>.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes. Petropolis, 2011.

MARQUES, Jose Oscar. *Sobre as regras do Parque humano de Sloterdijk*. Em Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Praticas psicoterápicas. São Paulo. PUC, Vol. IV, n.2.

SLOTERDIJK, Peter. *Regras para o Parque Humano*. São Paulo. Estação Liberdade. 2000

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas 1*. Barcelona: Siruela, 2003

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas 2*. Barcelona: Siruela, 2004

SLOTERDIJK, Peter. *Esferas 3*. Barcelona: Siruela, 2006

SLOTERDIJK, Peter. *Sin salvación, tras las huellas de Heidegger*. Madrid. Akal. 2011

ZERZAN, John. *Futuro primitivo*.1994. <https://docplayer.com.br/13733084-Futuro-primitivo-john-zerzan.html>